
O PESO SIMBÓLICO DE (ALGUNS) NOMES ESCOLHIDOS PELOS PAIS NO UNIVERSO HAITIANO

THE SYMBOLIC WEIGHT OF (SOME) NAMES CHOSEN BY PARENTS IN THE HAITIAN UNIVERSE

Nathanael Pericles¹

<https://lattes.cnpq.br/5811004215106895>

<https://orcid.org/0000-0002-9236-7197>

RESUMO: Cada um carrega um primeiro nome escolhido pelo outro seja seu pai, sua mãe, madrinha, padrinho... Essa escolha revela uma pertença a uma comunidade, define o sexo e às vezes a idade. Nomear é um ato de poder. Atribuições de gênero também podem ser detectadas neste processo. A pessoa, tanto homem quanto mulher, que escolhe o primeiro nome, pode possibilitar a compreensão das relações de gênero. Longe de ser um ato inofensivo, esse ato é significativo, por isso é importante ver como esse “bem simbólico” se articula na sociedade haitiana. É assim que este artigo visa marcar o peso social do nome na identidade do portador na dinâmica em que o nome é escolhido e o significado que o nome pode ter para ele. Por meio de um estudo qualitativo - de pais e mães com pelo menos um filho - para compreender o fenômeno a partir de interpretações, testemunhos ou opiniões recolhidas - de entrevistas realizadas -, pudemos analisar parâmetros, como moda, estética, linguagem que permitem caracterizar um primeiro nome.

Palavras-chave: bem simbólico, Haiti, primeiro nome, nomear, gênero.

ABSTRACT: Each person carries a first name chosen by the other, be it father, mother, godmother, godfather.... This choice reveals a belonging to a community, defines the sex and sometimes the age. Naming is an act of power. Gender attributions can also be detected in this process. The person, both man and woman, who chooses the first name, can make it possible to understand gender relations. Far from being a harmless act, this act is significant, so it is important to see how this "symbolic property" is articulated in Haitian society. This is how this article aims to mark the social weight of the name on the identity of the bearer in the dynamics in which the name is chosen and the meaning that the name can have for him. Through a qualitative study - of fathers and mothers with at least one child - to understand the phenomenon from interpretations, testimonies or opinions collected - from interviews conducted -, we were able to analyze parameters such as fashion, aesthetics, language that allow to characterize a first name.

Keywords: symbolic property, Haiti, firstname, naming, gender.

¹ Professora da Faculdade de Ciências Humanas e da Faculdade de Etnologia da Universidade do Estado do Haiti. Doutoranda em Trabalho, Migração e Política Social na Universidade Federal do ABC. Mestre em Cultura, Desenvolvimento e Políticas Públicas na mesma universidade. Graduada em Sociologia pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Haiti. Áreas de estudo incluem estudos de gênero, migração, propriedade simbólica, nomear, documentos de identificação. nathanael.pericles@gmail.com. pericles.nathanael@ufabc.edu.br.

INTRODUÇÃO

Na minha formação na faculdade, para a licenciatura em Sociologia, assistia a uma aula e o professor chamava as pessoas pelos seus nomes para fazer a lista de presença. Ele citava os nomes e sobrenomes de cada um e cada uma, que respondia “presente”. Quando citou o nome *Dieudonné* (Deus deu) a sala começou a rir. Não entendi, pois, para mim, esse nome era como todos os outros que foram citados, mas a reação de meus camaradas fez-me pensar. Então, desejei pesquisar sobre os nomes de pessoas. Por que tiramos sarro de um nome? Qual é a carga simbólica assumida? E quanto à estética atribuída?

Ter um nome parece natural para nós. Para nos apresentar a uma pessoa, naturalmente, dizemos como nos chamamos. De fato, na cultura ocidental, nós temos um nome e um sobrenome que precisamos para identificar-nos. O primeiro é escolhido e o segundo é uma herança. Cada um tem uma manifestação social diferente. Chamar uma pessoa pelo seu nome dá um sentido de familiaridade e amizade. Ao contrário do sobrenome que é associado aos títulos (Dr., Professores,...), mostra uma linguagem correta, respeitosa ou reservada.

Quando os pais atribuem um nome ao filho, querem singularizá-lo marcando uma certa pertença. A prenominação pode funcionar como um indicador de pertença local ou regional, dependente do país e da língua falada. Ela pode indicar indireta e aproximadamente a idade ou o sexo (ZONABEND, 1980).

No caso do Haiti, como os nomes são atribuídos? Como os pais os escolhem para seus filhos?

O objetivo neste artigo é entender o significado de escolher um nome para seu filho. Especificamente: verificar o peso social na identidade do portador, compreender a dinâmica em que ele é escolhido e compreender o significado que pode ter para o portador.

Ao analisar o fenômeno como expressão de um sentido a ser descoberto, voltando ao sentido implícito de que derivam ou revelam a atribuição dos primeiros nomes, tendo em conta a dualidade da realidade social, do significante e do significado, a análise aqui proposta se insere numa abordagem qualitativa (BERTHELOT, 1990). A abordagem qualitativa é geralmente interpretativa.

Não se trata de testar teorias, mas de entender um dado fenômeno a partir de interpretações, testemunhos ou opiniões coletadas. Realizamos entrevistas semi estruturadas para que os respondentes pudessem ter a possibilidade de fazer uma descrição rica da sua experiência, de expor as suas opiniões, os seus sentimentos, as suas crenças. O método Bola de Neve permitiu-nos encontrar trinta pessoas, com, pelo menos, um filho, entre as quais vinte mulheres e dez homens, que têm características sociais diferentes no plano intelectual, econômico, mas são do bairro de Savanette a PetionVille. Temos também o depoimento de alguns dos entrevistados que também expressaram seu ressentimento sobre seus próprios nomes escolhidos por seus pais.

Savanette situa-se na estrada de Frères commune² de PetionVille, que é considerada uma zona burguesa. Esta localidade é limitada, a Oeste, por uma ravina que a separa de

²Geograficamente, o Haiti está dividido em dez departamentos. Cada um deles é subdividido em comunas. As 146 comunas haitianas têm autonomia administrativa e financeira.

Jacquet. Ao Norte, é delimitada por outro bairro chamado Doblin. As grandes casas na estrada principal não permitem ver a que tem vista para toda a ravina. Como é possível observar em diferentes cidades da América Latina, PetionVille é cercada por bairros populares. Assim, encontramos este espaço adequado para permitir encontrar pessoas de origens sociais diferentes.

O NOME COMO UM MARCADOR DE IDENTIDADE

O indivíduo para distinguir-se de seus iguais recebe um antropônimo (do grego, o *anthropos*: homem; e *onoma*: nome; indica a identificação própria, pessoal, do indivíduo ou nome de batismo). Falar de nome é também falar de identidade, que é uma noção eminente psicossocial. Por um lado, refere-se ao sentimento do ser, o que define a pessoa como um ser singular, único. Por outro, refere-se a uma identidade vinda de fora, da sociedade, o que significa que o indivíduo é designado por um conjunto de atributos sociais e jurídicos que lhe dão um lugar na ordem genealógica e social (DORAIS, 2001).

O nome, portanto, afirma-se como uma força social externa aos indivíduos e que pode determinar seu comportamento. Com efeito, Émile Durkheim (1895) caracteriza o fato social segundo dois critérios principais: o critério da exterioridade dos comportamentos e pensamentos que se impõem ao indivíduo, e o critério da coerção, esses comportamentos e pensamentos que o tornam irreduzível a qualquer psicologia individual. Assim caracterizado pela coerção e exterioridade, o fato social tem como atributos fundamentais a limitação, a exterioridade e a inevitabilidade. Os indivíduos não podem fingir que ele não existe. Eles não podem escapar de sua existência.

A identidade é um conceito complexo e contraditório. A dificuldade, observa o autor, é estabelecer as diferenças ou limites entre o que poderia entender como identidade social e identidade individual. Isso explica o duplo pertencimento teórico da identidade, um fato de consciência, subjetivo, portanto, psicológico; ao mesmo tempo se situa na relação com o outro, no interativo e, portanto, no campo da sociologia. A identidade representa o conjunto organizado de sentimentos, representações, experiências e planos para o futuro relativos a si mesmo.

A antroponímia, como disciplina que estuda nomes, tem uma dimensão histórica e um caráter prioritário dos conhecimentos linguísticos. Linguistas e lógicos se perguntam principalmente sobre a sua natureza e seu lugar no sistema de linguagem. Se para uns caracteriza cada indivíduo e conota suas qualidades pessoais, para outros é contingente, indiferente, que só serve para designar (LEROY, 2006). Já para os filólogos, é uma leitura histórica e etimológica que está na base de seu questionamento.

Fabre (1998) pensa que a antroponímia explica não só o nome, mas a datação e localização, correspondente a tal indivíduo. Dois parâmetros são essenciais, segundo ele, na antroponímia: tempo e lugar. “O homem vive no tempo e habita o espaço. Este espaço é definido não só pela sua localização geográfica, mas também pela sua realidade linguística” (FABRE, 1998, p. 7). A etnologia vai além das questões de origem, denotação e conotação. Em vez disso, questiona a maneira como esses nomes próprios são usados, as situações em que aparecem ou as funções que cumprem de acordo com as circunstâncias em que são

emitidos.

Segundo Lévi-Strauss (1962), em *La Pensée Sauvage*, os nomes, assim organizados em sistemas, têm sempre um significado que, claro, difere de acordo com as culturas consideradas. “Mais precisamente a razão da diferença não está na natureza linguística, mas na forma como cada cultura divide o real e nos limites variáveis que atribui, de acordo com os problemas que representa, [...] para a empresa de classificação (ZONABEND, 1980 p. 9)”. Assim, em cada cultura, eles constituem um sistema que fornece indicações valiosas sobre a forma como os grupos sociais organizam a realidade.

A OBRIGAÇÃO DE TER UM NOME E O PROCESSO DE ATRIBUIÇÃO

Se partirmos da observação do modo geral de designação, divide-se em dois elementos: um fixo, transferível, recebido tal como está, o apelido que é o sobrenome, e o outro, geralmente dado, escolhido: o nome. Besnard e Desplanques (1987) nos dizem que é um bem gratuito cujo consumo é obrigatório, pois, independente de renda, cada pessoa deve estar identificada para facilitar a comunicação.

Quem nasce num território deve ser dotado de um ou vários nomes próprios e a recolha destes pelos órgãos responsáveis pelo seu registro torna-o objeto de existência objetiva. Assim, em todos os lugares e em todos os períodos, o indivíduo não se torna realmente uma pessoa consciente de si mesmo e de seu destino até que tenha adquirido uma designação. Além disso, em nossas sociedades ocidentais antigas ou contemporâneas, essa relação entre nome e pessoa ainda é perceptível (ZONABEND, 2001).

A identidade passa a ser uma relação, onde as pessoas começam a se identificar assim que percebem que não estão sozinhas no mundo, que existem outras pessoas e outros elementos de que precisam para operar de forma produtiva. Assim, o nome e o sobrenome cadastram a pessoa em redes de relações de identidade, família e redes sociais. A escolha é, de fato, sujeito de uma questão identitária e significativa particularmente importante, inscrevendo o seu portador numa filiação, numa família, num ambiente cultural e social, ao mesmo tempo que o categoriza como um indivíduo singular, novo e único (LEROY, 2006).

A escolha do nome marca uma identidade individual em relação à criança, mas também é a marca de uma reprodução cultural bem-sucedida. Nisso os pais, pela ação de nomear, transmitem referentes sociais de pertencimento. Streiff-Fenard (1990), em sua pesquisa sobre a escolha do nome, observa que o poder de nomear um filho nunca é concedido aleatoriamente aos cônjuges. Ele é revelador, mesmo no seio da família, das relações entre o pai e a mãe (STREIFF-FENARD, 1990). Porque quem tem o direito de escolher o nome da criança pode fornecer informações sobre as relações de gênero.

O termo “gênero” é utilizado pelas teorias feministas no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1989). Nesse sentido, os sexos, o feminino e o masculino, são marcados resusados na sociedade para distinguir os papéis atribuídos às mulheres e aos homens. O gênero se torna uma maneira de indicar as construções sociais e a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Na nomenclatura, aquele que escolhe permite entender como esses papéis são dados, distribuídos dentro da família.

A escolha também pode ser feita de acordo com os costumes. É possível que uma pessoa seja designada para fazer esta escolha. No filme *The Namesake*, que conta a história de uma família indiana que vive nos Estados Unidos, quando a criança nasce, o nome é solicitado a ser registrado. No entanto, a mãe diz que cabe a sua mãe (a avó) escolhê-lo. O pai escolherá um para a criança: "Gogol", em referência a um autor russo, que não será apreciado por seu filho. A escolha também pode expressar a assimilação cultural. Na migração, os casais mistos também podem escolher um nome neutro para a criança, a fim de promover a invisibilidade, eliminando culturas pessoais.

Bozon (1987) admite que a atribuição de nomes não resulta simplesmente da escolha dos pais, porque existe uma contradição potencial entre religião e apadrinhamento, em que o padrinho pode impô-lo ao afilhado. É preciso considerar também o fato de os padrinhos e madrinhas serem escolhidos em quase todos os casos por parentesco e aliança. Considerando, é claro, os avós e secundariamente os colaterais. Assim, os primeiros nomes desempenham um papel indiscutível na integração familiar dos indivíduos.

Moral (1978) explica que no Haiti, os pais pedem a outras pessoas para escolher o nome. Ele explica que, às vezes, é solicitado a conhecidos formados, os educados, os notáveis para o escolher, a fim de garantir que a criança tenha um "bom nome" (MORAL, 1978). O fato de a pessoa solicitada ter aceitado é um aspecto importante que sugere que será escolhido um bom nome.

Esta tarefa atribuída aos nossos parentes, seja mãe, avô, pai, avó, madrinha, padrinho..., de nomear uma criança pode ser apreciada de várias formas. Para Rouxel (2009), a escolha confere aos pais um papel decisivo na identificação do filho. A distribuição dessas escolhas vem da chance de preferências individuais sujeitas às influências coletivas do meio ambiente (ROUXEL, 2009).

A atribuição dos nomes é moldada pelas várias mudanças que ocorrem no social, tanto no nível das ordens sociais, como no nível das transformações sociais, culturais e políticas. A partir daí, a renovação é feita periodicamente de forma cada vez mais rápida. Torna-se possível ligar cada nome a uma faixa etária, o que não era o caso nos tempos clássicos. Aqueles da geração anterior rapidamente tornam-se inatribuíveis e marcam-na como uma geração do passado, ou seja, ultrapassada pela nova geração.

Supplice (2007), em um trabalho sobre os nomes no Haiti, mostra como os prenomes foram criados por uma forma de sufixação.

- Em "us" como: Aciméus, Altius, Bénéus, Brésius...
- Em "or" como: Bélidor, Bérénor, Erisnor, Faldor, Céinor...
- Em "as" como: Elmintas, Hélias, Elisias, Agésilias...

São também criados por uma variação baseada num nome de base:

- Chéri: Chérichel, Chériclair, Chéridor...
- Fleuri: Fleuridor, Fleuricin, Fleuricot...
- Dieu: Dieudonné, Dieula, Dieumène...

Há também os nomes próprios que são chamados crioulos, que têm significados literais: Cepetèt (pode ser), Jezila (Jesus está aqui), Asefi (Basta menina), Bèlozye (Lindo aos olhos). As categorias escolhidas dependem do tempo, do espaço e do nível escolar do processo de

nomeação.

Consequentemente, não se pode explicar o fenômeno da atribuição do primeiro nome sem levar em conta um parâmetro central: a moda. Além disso, não podemos considerar a moda como uma manifestação isolada, pois ela é a expressão de uma preferência e se define pelo gosto que é o que classificamos e somos classificados, que impõe o que é belo, o que agrada e o que é feio.

O PAPEL DA MODA E A ESTÉTICA NA APRECIÇÃO DO PRIMEIRO NOME

A moda é um fenômeno central na atribuição de nome porque satisfaz uma necessidade de apoio social. Dito isso, também satisfaz a necessidade de distinção (SIMMEL, 1988), porque mostra em particular como as preferências individuais se conformam ou não a uma preferência coletiva. Assim, satisfaz uma necessidade de apoio social, conduz o indivíduo no caminho percorrido por todos e indica uma generalidade que reduz o comportamento individual a um exemplo puro e simples.

O caso revela-se particularmente significativo nos movimentos da moda, porque, ao mesmo tempo, reflete um desejo de distinção e testemunha à procura de um certo conformismo social. Embora os pais sejam movidos pelo desejo de distinguir seus filhos pelo primeiro nome, a originalidade é rara. O trabalho sociológico mostra, de fato e claramente, que os mesmos nomes são dados no mesmo período. Quando os filhos entram na creche, os pais muitas vezes percebem que sua escolha foi a mesma de muitos outros pais. Simplesmente porque estão imersos em uma cultura e em um conjunto de modelos sociais que são inconscientemente projetados na criança (OFFROY, 2001).

A moda é um produto da divisão de classes, cuja dupla função é unir um círculo e isolá-lo dos outros. As classes altas são suas guardiãs. Elas estão no topo e correm atrás de novidades. As classes mais baixas direcionam seu olhar e seus esforços para cima. Assim que as fronteiras entre elas são ultrapassadas, o que significa que as classes inferiores começam a se apropriar de uma moda, as classes superiores se afastam dela para adotar novas. O que faz sua essência é que está destinada a sair de moda. Assim que aquela antiga desaparece um pouco da memória, continua Simmel, não há razão para não a reviver (SIMMEL, 1988).

Mesmo aqueles que acreditam ter decidido de acordo com seu humor e seu gosto, sofrem as restrições da moda e as conveniências de seu ambiente. A tendência dominante [...] hoje é escolher um primeiro nome que por suas qualidades específicas - elegância, originalidade, etc. - enfatize a singularidade da criança. Mas o paradoxo dessa tirania da originalidade é que ela reforça o conformismo social (BURGUIERE, 1980, p. 27).

Quando entendemos estética, podemos imaginar algo bonito, lindo. Podemos pensar em cirurgia estética, maquiagem, por exemplo. A estéticavem do grego "aisthesis", mais precisamente do adjetivo "aisthéticos" que dá estética, que significa quem "se deixa sentir",

que recai sobre os sentidos, deixa-se sentir; fazer estética é refletir sobre os nossos sentidos, ciência do sensível, apreensão do sensível. A disciplina filosófica da estética foi inventada em 1750, a qual define estética como "a ciência do conhecimento sensível" (KANT, 1790).

Consequentemente, a estética não diz respeito ao objeto em sua realidade objetiva. Seja como for, a experiência estética traz consigo um juízo, estético ou de gosto, que é, segundo Kant (1790), "a faculdade de julgar o belo". O julgamento de gosto não é um julgamento de conhecimento; quando falo do belo, estou fazendo um juízo de valor, que não pode ser objeto de uma apreciação objetiva da natureza, do que é considerado como tal. O juízo de gosto é o juízo do belo que não determina o objeto e não permite apreendê-lo, mas antes informa muito mais sobre quem o julga.

O juízo de gosto tem uma subjetividade irreduzível que poderia admitir uma certa relatividade. Agora, como pode reivindicar validade universal? Kant (1790) fala do belo como se fosse propriedade do objeto reconhecível por todos: "o belo é o que é representado sem conceito como objeto de satisfação universal" (KANT, 1790, p. 51). Bourdieu (1979) denuncia o "gosto" definido por Kant, porém o define como simples julgamento ou tomado como arte. O que está na base desse tipo de julgamento é o gosto. Não nos referimos a todas as sensações que nos permitem identificar o que comemos, ou ao sabor que é a afirmação de uma diferença inevitável. "O gosto é o princípio de tudo o que temos, pessoas e coisas, e de tudo o que somos para os outros, do que classificamos e pelo que somos classificados" (BOURDIEU, 1979, p. 59).

Um nome, como qualquer objeto passível de ser apreendido do ponto de vista estético, possui uma realidade multidimensional. Um estudo de Eagleson (1946) permitiutracar a lista de critérios de auto avaliação. O primeiro, o som agradável, representa também o problema da linguagem, pois pessoas de diferentes línguas não serão capazes de considerá-lo da mesma forma quando se trata de estética. O segundo, que é a pronúncia fácil ou não e que nos traz de volta a questão linguística. Pessoas que falam línguas de origens diferentes não serão capazes de pronunciar os nomes de outra língua. Depois, o terceiro critério, é o fato de ser curto e de um ente querido também o usar, um critério bastante subjetivo. Critérios que não permitem um julgamento universal.

Em seus trabalhos, Besnard e Desplanques (1987) evocam que a dimensão estética da escolha é, na verdade, apenas uma questão de gosto, porque deve ser enfatizado que não existem propriedades intrínsecas que tornariam possível estabelecer uma distinção entre um primeiro nome bonito e um feio à parte do som. Embora não haja realmente espaço de manobra na complexificação desses sons, como existe na música, por exemplo, ele sempre tem uma forma sonora bastante resumida que não permite realmente o desenvolvimento de uma pesquisa estética completa.

Além de sua realidade sonora, ele pode ser associado a "significados". Os nomes têm, na origem, um significado, como Nicolau, que quer dizer filho do povo. Mesmo com o passar do tempo, eles não podem ser considerados e substituídos pelos diferentes significados adquiridos. Cada nome, de fato, tem uma coloração psíquica única que evoca para o doador reminiscências culturais ou pessoais que muitas vezes nada têm a ver com os significados originais. "Quem ainda pensa em uma flor ou uma pérola na frente de uma mulher chamada

Rosa ou Marguerite, [...]?) (DEMEULAERE, 2004).

As pessoas que interrogamos responderam-nos com orgulho do nome dado aos seus filhos. Subtraem a atenção com que os prenomes foram selecionados. Uma das coisas que ainda respondem a essa beleza é a dificuldade de pronunciar o prenome ou a ortografia não menos convencional deles. Também entender que a escolha do prenome também é influenciada, por exemplo, por novelas, futebol e na migração.

Deve-se notar que os entrevistados, a maioria dos homens, disseram ter escolhido os nomes. Mesmo que alguns casais tenham declarado ter discutido sobre a escolha. Uma mãe disse: "Nós conversamos sobre o nome juntos". Este mesmo processo foi identificado por um pai que disse ter escolhido dois nomes com sua esposa, um para uma menina e outro para um menino. Como dissemos, outras pessoas da família também podem participar dessa escolha. Uma mãe disse que o nome do filho foi escolhido por uma tia que vivia no estrangeiro. As pessoas ao seu redor, como amigos(as), também têm influência no processo.

No Haiti, os padrinhos são considerados os pais dos afilhados (as) na ausência dos pais biológicos. Eles/elas podem ser escolhidos (as) com atenção, dependendo da amizade, da posição social, do envolvimento da pessoa desde o nascimento da criança. Costuma-se dizer que alguém que não tem ajuda não tem padrinho e madrinha. Uma mãe disse que a madrinha escolheu o nome do filho. Deve-se notar também que às vezes todas as pessoas querem dar um nome, mas apenas uma pessoa, como o pai ou a mãe, é capaz de registrar o nascimento, então poderá escolher o nome que será mantido.

Foi observado que algumas crianças recebem um nome que não é aquele que receberam de seus pais. Para Segalen (1980), estenome é importante porque recebe uma qualificação da comunidade (SEGALEN, 1980). Esses nomes qualificam ou fazem outro julgamento.

Esta categoria não é um apelido derivado do nome, mas é separada. O nome da casa também pode revelar outros aspectos relacionados ao imaginário haitiano. Bastien (1985) e Moral (1978), em sua pesquisa nas campanhas haitianas, explicaram como as crenças, particularmenteligadasaoVodu, influenciam a prenominação. No Vodu haitiano é costume, durante as cerimônias, renomear as pessoas que foram curadas de uma doença ou salvas de uma morte certa. Mas também alguns pais no nascimento sussurram um nome no ouvido de seu filho que será secreto e o ligará aos Espíritos. Estas categorias, na nomenclatura dos substantivos que são apelidos, os nomes de casa têm uma especificação própria. Obedecem a usos sociais que permitem perceber desafios hierárquicos, pessoais ou sociais.

Usamos este nome todos os dias. É o lugar de uma relação social com a comunidade, que é um fator central porque é um juiz imediato. Esta apreciação do nome tem uma grande importância na maneira como a pessoa vive o nome. Luis Borges escreveu "somos como aquilo de que somos feitos", para explicar a dualidade entre o que nos impulsiona a ser "nós mesmos" e o que vem dos outros na construção do eu.

Foi perguntado aos participantes como os nomes de seus filhos são percebidos pelas pessoas ao seu redor, as crianças com quem brincam. Nenhum dos participantes expressou qualquer zombaria dos nomes das crianças. As pessoas falam crioulo, mas os nomes são frequentemente em francês. Até mesmo os pais os pronunciam de maneira diferente da forma como são escritos. Os avós também são vítimas da pronúncia, principalmente, nos casos de

nomes compostos, por pais e mães que combinam dois nomes ou que escolhem nomes estrangeiros, que têm uma fonética diferente daquela que eles conhecem. Na realidade, observamos algumas combinações extraordinárias, porque existe uma espécie de apreciação dos nomes difíceis de pronunciar. Quanto mais difícil o nome a pronunciar, mais orgulhoso o pai se sente. Significa que ele deu um "bom" nome e que há um gênio em fazer tal escolha.

A IMAGINAÇÃO DE PAIS HAITIANOS NA ESCOLHA DOS PRIMEIROS NOMES DE SEUS FILHOS

É possível dizer que existem nomes tipicamente haitianos? Se a resposta for sim, isso se deve ao fato de que na linguagem do dia a dia muitas vezes é possível identificar ou reconhecê-los. Na literatura haitiana, podemos ver como eles diferem nas histórias dependendo da origem social ou do local de residência, seja na cidade ou no campo. Estes parâmetros são muito importantes de entender, especialmente pela literatura que permite ter uma ideia sobre a imaginação e às vezes sobre o modo de vida das pessoas.

A literatura se interessa pela vida social, que pinta sob diversos aspectos. Como atividade social, a literatura retrata as condições de vida e é, em parte, ligada a valores ou a uma certa "visão de mundo" e alimentada por uma certa imaginação. A sociologia, ao longo dos anos, olhou para a literatura como um objeto de estudo. Nesse sentido, a sociologia da literatura tem-se estruturado em dois pólos, privilegiando a análise externa, ou seja, as condições sociais de produção e recepção das obras, ou privilegiando a análise interna centrada nas obras em si mesmas.

Maurice Sixto, um conhecido contador da oralidade no Haiti, que conta os costumes do país, faz uma descrição detalhada da vida social. Quando retrata a vida de uma família que foi forçada a separar-se da sua filha depois da morte da sua mãe, diz que a menina, uma pequena camponesa, foi dada para morar³ com uma família na cidade, seu nome é *Sentaniz*, que evoca a origem dela. Ela era uma menina do campo e seus pais viviam em situação precária, falavam crioulo e nem foram à escola.

Todos têm um nome, mas não o vivem do mesmo modo. Há muitos sentimentos diferentes que um portador de nome pode ter. "Meu nome é muito infantil, não serei levado a sério quando fizer algo", disse um participante. Uma mãe disse que ela e seu marido haviam escolhido dois nomes para seu filho. Um era muito afetuoso e, do ponto de vista dela, parecia infantil, e o outro era um nome sério, que seria mais apropriado para um adulto no futuro.

Soifaite é um sujeito que nos explicou como seu nome, que ele diz se referir às suas origens camponesas, o fez sofrer muito. Ele afirma que *Soifaite* não é um "verdadeiro nome", uma vez que *Soifaite* significa literalmente "seja feita". As crianças na escola recitavam o Pai

³No Haiti, as crianças são dadas pelos pais em dificuldade a outras famílias para criá-las e ter acesso a uma vida melhor, isso se chama *Restavèk*. Há muito trabalho em torno dessa situação, porque as crianças são frequentemente abusadas. Mas também existe o inverso. Existem casos de acolhimento com um real desenvolvimento da criança numa família protetora (também devemos estudar esta pista). Uma amostra dessa prática que pode degenerar em uma situação de abuso do trabalho infantil pode ser vista em: <https://www.humanium.org/fr/les-enfants-restavek-en-haiti-une-nouvelle-forme-desclavage-moderne/>. Acesso em: 29 dez. 2020.

Nosso para zombar dele, repetindo: "Seja feita a tua vontade". O nome também é objeto de criatividade e nada diz que não deva ter significado. Mas parece que alguma criatividade é mais valorizada do que outra. Por exemplo, quando os pais fazem emagramas resultando, às vezes, em uma forma impronunciável, isso é considerado, de acordo com as conclusões que vimos nas entrevistas, como uma marca de beleza para haitianos e haitianas.

Nas entrevistas, conhecemos duas pessoas que nos contaram seus sentimentos sobre seus nomes. O prenome participa da autoimagem. Perto de 57% das pessoas que não gostam de seus prenomes pensam que isso os influencia (EAGLESON, 1946). O desejo de um prenome é igualmente importante. De acordo com Garwood (1976), em uma pesquisa sobre crianças de 10 anos de idade, mostra que ter um prenome apreciado dava uma estima mais elevada do que as crianças cujos prenomes são depreciados (GARWOOD, 1976).

Soifaite afirma que o nome de seu irmão é *Loveson*, também é o produto de uma combinação: Love (amor) e Son (filho). No entanto, este, para não ser zombado, diz que o seu é muito bonito, pois, para *Soifaite*, seu nome sempre foi um obstáculo em sua vida. Cada vez que ele cortejava uma garota, apresentava com outro nome: Kelly ou Johny, nomes ingleses. Ele diz ter pensado que depois de se formar na faculdade não conseguiria encontrar um emprego, porque o pessoal de Recursos Humanos não devia querer contratar alguém chamado *Soifaite*.

Esse tipo de comentário aparece com mais frequência no caso de migrantes (ou filhos de migrantes) que às vezes afirmam ser vítimas de racismo quando se apresentam para trabalhar no país de acolhimento. Mas um haitiano pode passar por isso também, sem ser imigrante ou filho de algum. Sofrer tal discriminação pelo nome é muito revelador.

Soifaite disse que perguntou a seus pais os motivos da escolha desse primeiro nome. Eles disseram que esse é o de seu avô paterno. Este último morreu poucos dias antes de seu nascimento. O avô estava doente e seu pai fez de tudo para salvar a vida dele, porque eles eram muito próximos. Exatamente um mês antes do nascimento do neto, o avô devolveu a alma e seu filho queria homenagear o querido pai, chamando o próprio filho de *Soifaite*. Esta história, no entanto, não provoca uma apreciação do nome por *Soifaite*. Para ele é um "nome feio", ele teria preferido um "primeiro nome bonito".

Um dia *Soifaite* encontrou um homem que estava orgulhoso de encontrar uma outra pessoa com o mesmo nome que o dele. De fato, Schonber e Murphy (1974) mostraram, de acordo com o estudo com os estudantes, que os prenomes raros não desvalorizavam a autoestima dos portadores. Pelo contrário, dava-lhes a sensação de possuir uma característica única. Esse velho falou que não era um fato comum encontrar alguém chamado de *Soifaite*. Para o velho, o fato de saber que o nome *Soifaite* é raro lhe dá uma certa satisfação, enquanto para *Soifaite*, isso não significava nada, porque ele já tinha uma opinião formada sobre isso. Outro participante disse que o filho não gostava do nome, porque não está acostumado a ouvi-lo.

Soifaite até queria mudá-lo, mas um amigo, que disse ser membro da maçonaria, explicou a importância simbólica do nome dado. Essa importância se relaciona com os vínculos com os pais, a adesão à comunidade e que, acima de tudo, a mudança do primeiro nome significaria a morte desta pessoa. Ele informou que ficou convencido, concordou em

mantê-lo e pensa que fez coisas que poderiam tornar menos "prejudicial" no futuro, como ter estudado.

Na verdade, existe um simbolismo em torno da mudança do primeiro nome. Em religiões como o Islã e o Judaísmo, é comum que as pessoas mudem seus primeiros nomes ao se converterem. O que simbolizaria um renascimento, uma nova pessoa. Pessoas são conhecidas por este fato, como Mohamed Ali, que se converteu ao Islã e mudou seu nome, assim como Malcom X. Chanson (2008), em um texto sobre a escravidão nas Antilhas (Guiana), fez um trabalho sobre a atribuição do nome e sobrenome dos cativos que foram libertados. Primeiro, o cativo, ao chegar à colônia, recebia um novo nome ao ser batizado. Este gesto significava o nascimento de outra pessoa e também a morte de quem ela era. Esse processo de nomeação continuava sempre que o cativo tinha um novo dono. É comum ouvir as pessoas dizerem que querem mudar o primeiro nome, e *Dieupanou* (Nossodeus) é um exemplo.

Para *Dieupanou* não tem explicação: ele queria mudar seu nome e o fez. Seus pais esperavam ter um filho, mas, depois de nascer, ele começou a sofrer de doenças. Ele não disse qual é a doença, e os pais passaram a ter medo de sua morte. Depois de terem lutado tanto, o filho ficou bem. *Dieupanou* não explica quais são os meios que foram colocados sem prática para sua cura. Ele diz: "você sabe". Uma maneira de dizer que os pais certamente tiveram contato com um "hougan". A cura de uma pessoa doente é muitas vezes mantida em segredo no Haiti, para que a notícia não chegue aos ouvidos do potencial criminoso, que poderia reforçar o mal, impedindo a cura. Assim, decidiram chamá-lo de *Dieupanou*, para dizer "nosso Deus é grande". A decisão de mudar o primeiro nome se realizou quando *Dieupanou* atingiu os estudos universitários. Porém, para ele, o novo não tem nada a dizer, pois mudou para um mais "anglófono".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nomeação ao longo da história é coisa daquelas que têm poder, têm o domínio político, simbólico ou econômico. Os primeiros nomes podem realmente criar controvérsias, como ocorreu na corrida de Barack Obama para a Casa Branca. Seu nome foi destacado como associado ao islamismo, jogando com a opinião pública que, após os atentados de 11 de setembro, viu o Islã como terrorismo.

A maioria das pessoas entrevistadas diz aceitar seus nomes, porque foram escolhidas por seus pais que as amam. Parâmetros como moda, estética e estigma têm um grande peso na escolha de nomes no Haiti. Sabemos que a base da moda é o gosto, que é aquilo pelo qual somos classificados e pelo qual classificamos os outros. O status social é muito importante para aqueles que escolhem, daí a consideração de um belo nome. Além da moda, a estética é de fato o principal critério de escolha. Mas, como já mencionamos, dizer o que é belo é fazer um julgamento que admite que há nomes que não o são. Assim, identificamos casos de depreciação do nome.

Isso nos permite concluir sobre o parâmetro de pertencimento a uma comunidade que pode revelar o primeiro nome que está sujeito a julgamentos, seja de critérios de beleza, de

cultura, de classe e tudo isso remete a uma distinção, como disse Bourdieu (1979), em tudo o que isso implica. Portanto, quando no Haiti uma criança é chamada de Asefi, Dieumedone, Dieumaitre, Jesula, Christela, Verdieu, Sedrol, esses primeiros nomes são assimilados como tipicamente haitianos.

No entanto, esses primeiros nomes não são insignificantes para os pais, eles tentam transmitir uma mensagem, que é uma mistura de francês e crioulo haitiano. Quando o nome de uma menina é Asefi, seus pais não querem mais ter meninas (Assez = basta e fille = filha em francês). As palavras Deus ou Jesus explicam que essa criança passou por dificuldades e conseguiu sobreviver, como Jesula, em crioulo haitiano (Jesu = Jesus, la = aqui), ou Christela (Christ = Cristo, te = estava, la = aqui). Esses chamados primeiros nomes haitianos nos mostram que, de fato, todas essas práticas revelam sistemas de representações, que são específicos de grupos sociais, que revelam a posição dos indivíduos nele e do desejo de estar em uma escala de poder, porque as considerações simples que temos sobre gosto, estética e cultura são determinadas e organizadas entre si a partir de nossa posição na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BASTIEN, Rémy. *Le paysan haïtien et sa famille*. Karthala. Paris.1985.
- BERTHELOT, Jean Marie. *L'intelligence du social*. PUF. Paris.1990.
- BESNARD, Philippe & DESPLANQUES Guy « Un prénom pour toujours - La cote des prénoms, hier, aujourd'hui et demain » *Population* . pp. 562-56. 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *La Distinction, critique sociale du jugement*, édition de Minuit, collection « lesenscommun », 1979.
- BOZON Michel, « Histoire et sociologie d'un bien symbolique » In: *Population*, 42e année, n°1, pp. 83-98. 1987.
- BURGUIERE, André. « Un nom pour soi » in *L'homme*. Formes de nomination en Europe, Tome XX, Numéro 4, Paris : École des Hautes en Sciences Sociales. Oct.-Déc. 1980,
- CHANSON, Philippe. *La blessure du nom. Une anthropologie d'une séquelle de l'esclavage aux Antilles-Guyane*. Louvain. Academia-Bruylant.coll. « Anthropologie prospective ». 2008.
- DEMEULAERE Pierre, « Esthétique et rationalité du choix des prénoms » *Revue européenne des sciences sociales*. 2004. Online o 05 novembro 2009, consultado em 12 de outubro 2012.
- DORAIS, Louis-Jacques. « La construction de l'identité ». Département d'anthropologie Université Laval. 2001.
- DURKHEIM, Emile. *Les règles de la méthode*. Les Classiques des sciences sociales. 1895
- EAGLESON Oran W. “ Student’s reactions to their given-names”. *The Journal of Social Psychology*.23.pp. 187-195.
- FABRE, Paul. *Les noms de personnes en France*. Paris. PUF. Collection « Que sais-je ». 1998.
- GARWOOD G.S. “First name stereotypes as a factor in self-concept and school achievement”. *Journal of Educational Psychology*. Vol 4. No 4. pp 82-487.

- KANT, Emmanuel. Critique du jugement. Chicoutimi: Les Classiques des sciences sociales.1790
- LEROY, Sarah « Les prénoms ont été changés . Pseudonymisation médiatique et production de sens des prénoms » in *Cahiers de sociolinguistique* « Noms propres, dynamiques identitaires et sociolinguistiques », édition F.Manzano, Rennes, Presses Universitaires de Rennes. 2006.
- MORAL, Paul. *Le paysan haïtien*. Les Editions Fardin (Reproduction). Port-au-Prince (Haïti).1978.
- OFFROY, Jean-Gabriel. « Prénom et identité sociale. Du projet social et familial au projet parental » *Spirale*. pp. 83-99. 2001.
- ROUXEL, Michel « Prénoms : De l'influence des modes à la recherche d'originalité ». *Octant*, no 99. Oct. 2009.
- SCHONBERG W B e MURPHY MD. "The relation between the uniqueness of a given name and personality". *The Journal of Social Psychology*.93. pp 147-148.
- SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.
- SEGALEN, Martine. "Le Nom caché". *Homme*. pp. 63-76. 1980.
- SIMMEL, Georg. *La tragédie de la culture*. Éditions Rivages. Paris. 1988.
- STRAUSS, Levi. *La pensée sauvage*. Paris. France. 1962.
- SUPPLICE, Daniel. *Les patronymes haïtiens :Nom de famille en Haïti*. Imprimerie Henri Deschamps. Collection« Veritas ». Avril 2007.
- STREIFF-FENART, Jocelyne « La nomination de l'enfant dans les familles franco-maghrébines » *Sociétés Contemporaines* . pp. 5-18. 1990.
- ZONABEND, Françoise « Prénom, temps, identité » *Spirale*. No 19. 2001.
- ZONABEND, Françoise. « Le nom de personne ». in *L'homme* «Formes de nomination en Europe », Tome XX, Numéro 4, Paris :Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.1980.